

COM A PALAVRA

Antonio Carlos Mazzeo

“Jovem de hoje é mais conservador”

Para Antonio Carlos Mazzeo, o maio de 68 é resultado de um processo que passa pela reestruturação produtiva do pós-guerra. Havia no cerne das manifestações uma ideologia anti-capitalista, mas não somente isso. Foram vários os matizes, com tendências anarquistas e também do liberalismo radical. Mesmo considerando que existe uma herança muito positiva em relação ao período conturbado vivido no final da década de 60, em todo o mundo, Mazzeo, que é professor de Sociologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Marília, considera que a geração de hoje é mais conservadora se comparada com a dele, que pertence à geração das “barricadas”. Acompanhe a seguir a entrevista do professor, que tem 58 anos, é graduado em Ciências Políticas e Sociais pela USP, com mestrado em Sociologia pela USP, Doutorado em Ciências Econômicas pela USP, e pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Roma. Ele também participou da mesa de discussões “Maio de 1968, 40 anos depois”.



NICHOLAS FONSECA

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - Na sua avaliação, o que pretendiam os estudantes e os trabalhadores com os protestos na França? Havia na gênese do movimento uma rejeição ao Capitalismo e uma tentativa de implantar uma sociedade socialista?

Resposta - Não dá para dizer isso de maneira absoluta. O que se pode dizer é que um dos motivos de 68 é exatamente o resultado do pós-guerra. A reestruturação produtiva que vai acabar nos anos 80/90 e tem um impacto muito grande. Um dos resultados imediatos do pós-guerra e também, do plano Marshall de reconstrução da Europa é o aumento da proletarianização de setores sociais europeus, e particularmente na França, de uma pequena burguesia que passa a se proletarianizar. Isso incide na própria universidade. Pensar que nos anos 60/70 a universidade europeia não era de massa. Naquele momento tinham segmentos da pequena burguesia que se radicalizam - claro que isso é um fenômeno, eu diria, no conjunto da Europa - e esses segmentos dos estudantes passam a assumir uma perspectiva anti-capitalista. Mas, essa perspectiva tinha vários matizes, como o comunismo, anarquismo e liberalismo radical. E um outro aspecto é que os trabalhadores tinham outra vertente que acabava se confundindo, não que o movimento estudantil fosse separado do movimento social. O movimento estudantil dizia o seguinte: os trabalhadores não são mais revolucionários e a classe operária virou conservadora. Esses estudantes tinham como referência, por exemplo, (Herbert) Marcuse, (Friedrich) Nietzsche, (Karl) Marx. Uma parte do movimento operário apoiava parte das reivindicações genéricas de maio de 68, como mais vagas na universidade, melhoria do estado

social, mais liberdade, afora o plano subjetivo desse movimento. A maior liderança não era um socialista revolucionário, era (Daniel) Cohn-Bendit, que se colocava como anarquista e que hoje é operador da bolsa de valores. Acho que isso mostra, também, qual o perfil de uma pequena burguesia, radicalizada de um lado e que chegou a apedrejar trabalhadores em manifestação na França. O movimento de 68 tem uma característica em cada lugar. Na Itália, por exemplo, tem o núcleo marxista estudantil mais forte pela presença enraizada do Partido Comunista Italiano e das próprias dissidências que vão aparecer na década de 60 no PCI. No plano estudantil, o aspecto de uma pequena burguesia radicalizada aparece em função dessa situação de proletarianização desses setores da sociedade. Na América Latina, esse fenômeno ganha uma outra dimensão. No Chile, havia uma movimentação socialista mais clara. Na Argentina, Brasil e Uruguai, eram manifestações que se colocavam, não só como manifestações vinculadas ao movimento operário, mas também vinculadas às lutas contra ditaduras militares.

P - Por que no Brasil não se conseguiu gerar um movimento de massas como na França, país em que os estudantes chegaram a se envolver numa greve geral com trabalhadores? Tem mais a ver com o aspecto repressivo?

R - Não. Tem mais a ver com a história da França. Primeiro se tinha ali uma poderosa CGT (Central Geral dos Trabalhadores Franceses), com uma tradição democrática, de um viés democrático clássico com uma grande participação de massas e populares, mas, fundamentalmente havia

uma grande organização operária. E mais: naquele momento, um capitalismo muito mais avançado do que o nosso. Então, o proletariado francês era maior do que o brasileiro. Aqui, era menor, mas há uma renovação no movimento operário, que sofre com a repressão. Esse movimento tem uma identidade com o movimento estudantil, mas, obviamente, fica comprometida pela ditadura militar.

P - Na sua avaliação, qual a herança deixada pelo 'Maio de 68'? O mundo hoje é mais conservador ou mais progressista?

R - Acho que o mundo ganhou no plano político. 1968 é expressão de uma mudança. Há uma fermentação anti-capitalista em função de uma reverberação da segunda guerra mundial; tem a guerra de libertação de Argélia; tem os movimentos anti-coloniais na África. Então, é um momento de grande efervescência intelectual. O teatro, o cinema europeu, principalmente o cinema italiano, faz uma crítica ao capitalismo. Os diretores de cinema europeus fazem uma reflexão sobre a moralidade. Tem o diretor (Pier Paolo) Pasolini que seria o Glauber Rocha europeu. Nas identidades do Brasil têm o citado Glauber Rocha no 'Cinema Novo'; o teatro aparece com críticas e forte presença “brechtiniana” (Bertolt Brecht); a música popular brasileira com uma forte crítica, e na Europa a música também é crítica. Portanto, é um momento de grande efervescência, que mais para frente sofre um refluxo. Seguramente, a geração de hoje é mais conservadora do que a minha geração, que é uma geração que estava nas barricadas em 68. Se conversar com a minha filha de 22 anos, ela é muito mais conservadora do que eu.

P - O sr. acredita que ainda é possível reeditar o espírito rebelde de 68 nos dias de hoje?

R - Como naquele momento e daquela forma, não. Acho que o espírito rebelde sempre vai existir. As grandes manifestações na Europa como a de Gênova (passada contra o G-8, na Itália, em 2001) com um saldo trágico de uma morte (o jovem Carlo Giuliani) na repressão, tem também as reuniões como as do Fórum Social Mundial (FSM). Então, a rebeldia está presente e tem uma característica específica. Ela é contra a verbalização do capital, a globalização da opressão. Tem uma identidade que aparece de outra maneira. Até porque o proletariado em emergência no final da década de 60, hoje tem uma outra característica. Há uma reestruturação produtiva clara, um aumento de setores dos trabalhadores que ficam desempregados e isso gera uma outra característica dos movimentos sociais. E, claro que o movimento estudantil faz parte da sociedade de uma forma moderna, mais próxima às feições da sociedade. Porque hoje se tem mais trabalhadores na universidade - na universidade europeia também. E isso dá uma dimensão de que o movimento estudantil é mais próximo ao jeito da sociedade do que nos anos 60. É claro que as reivindicações continuam. A luta contra a guerra, as questões ecológicas presentes também na luta social. Na França, não é só o movimento estudantil universitário, o secundarista também tenta garantir a qualidade do ensino público, até porque, hoje há uma ofensiva na Europa contra a privatização de setores do ensino público, tanto universitário como no de primeiro e segundo graus. Então, obviamente, o movimento estudantil está aí.